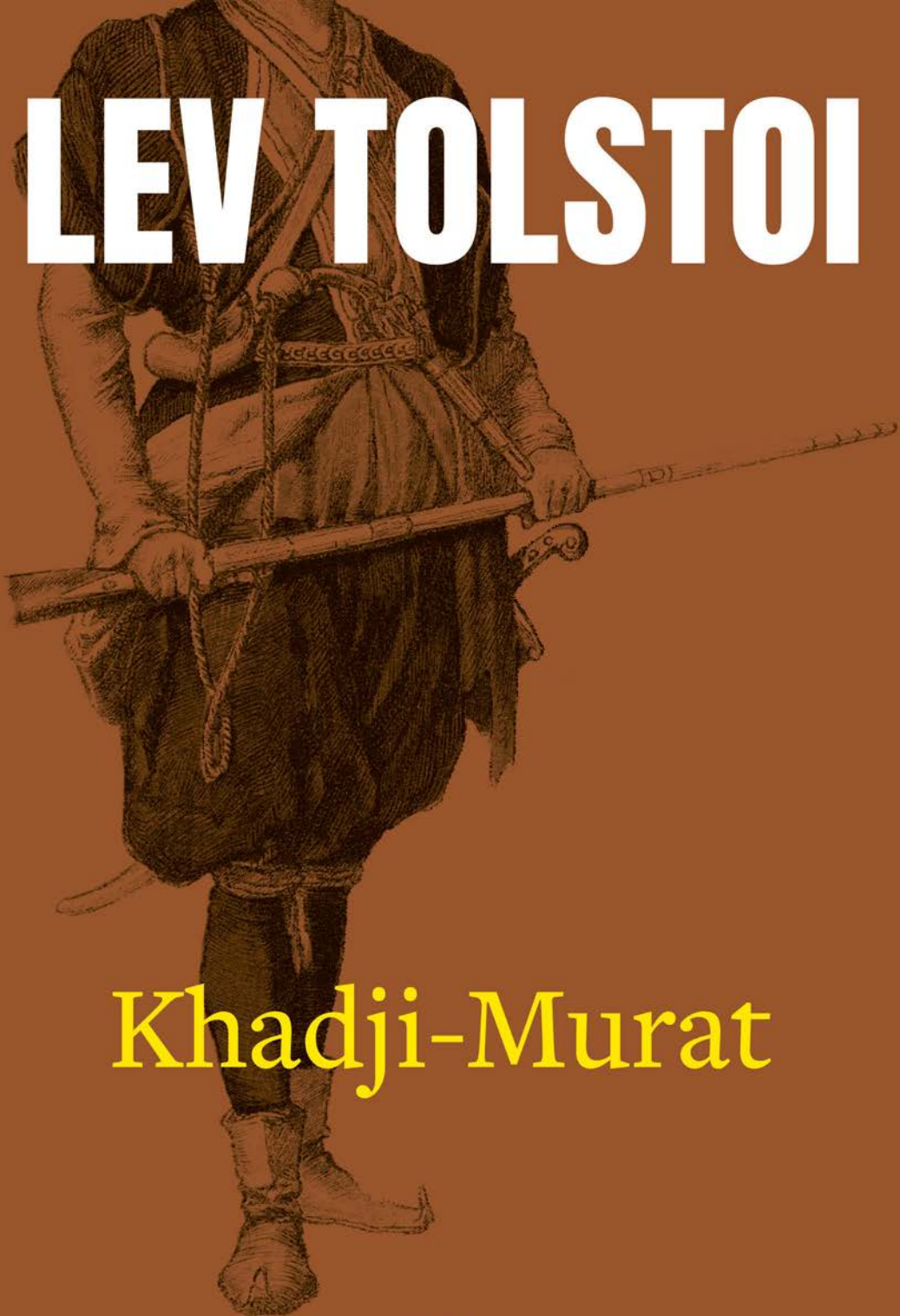


LEV TOLSTOI



Khadji-Murat



cavallo de ferro

Eu regressava a casa pelos campos. Era o pino do Verão. Os prados tinham sido gadanhados e o centeio estava prestes a ser ceifado.

A combinação das flores é fascinante nesta altura do ano: trevos vermelhos, brancos e cor-de-rosa, aromáticos e felpudos; margaridas descaradas; malmequeres brancos como leite, com centros de amarelo garrido e o seu odor apodrecido e condimentado; colza amarela com um aroma a mel; campânulas parecidas com túlipas lilases e brancas que se elevam bem alto; ervilhas-de-cheiro rasteiras; apuradas escabiosas amarelas, vermelhas, cor-de-rosa, lilases; tanchagem, com a penugem rosada e o cheiro quase imperceptível; centáurea, azul-escura quando exposta ao sol e durante a juventude, azul-clara e avermelhada ao pôr-do-sol e com o aproximar da velhice; e as delicadas flores de cuscuta, que murcham num instante, com um perfume de amêndoas.

Colhi um grande ramo das diversas flores. Encaminhava-me para casa, quando notei numa berma uma bardana carmesim maravilhosa, em plena flor, daquelas a que chamamos «tártaro» na minha terra, que os ceifeiros tentam evitar com muito cuidado e que, se for gadanhada por descuido, separam do feno para não picarem as mãos. Tive a ideia de arrancar esta bardana e colocá-la no meio do ramo. Desci para a berma e, espantando um zângão peludo aferroado no meio da flor num sono solto e mole, comecei a arrancá-la. Mas não era tarefa nada fácil: não só o caule picava por todos os lados, mesmo

através do lenço em que embrulhei a mão, como era também tão resistente que tive de lutar cerca de cinco minutos, rompendo as suas fibras uma por uma. Quando finalmente o consegui arrancar, o caule estava todo em farrapos e a flor já não parecia tão fresca e bela. Além disso, por ser ordinária e tosca, não combinava com as flores delicadas do ramo. Arrependi-me de ter estragado a flor, que ficava bem onde estava, e deitei-a fora. *Mas que energia e garra*, pensei eu ao recordar o esforço que fizera para a arrancar. *Como se defendera tão persistentemente e vendera cara a sua vida.*

O caminho para casa passava pelo barbecho, um campo de terra negra acabado de lavar. Eu subia o monte afastando-me pela via poeirenta de terra negra. O campo lavrado era tão grande que, tanto de ambos os lados do caminho como em frente da subida, não se vislumbrava mais nada além dos sulcos regulares ainda não deformados do barbecho. A lavoura era muito boa, não se vendo em toda a volta uma única planta, nem sequer uma ervinha. Estava tudo preto. *Que criação tão destruidora e cruel é o homem. Quantos seres vivos, quantas plantas exterminou para sustentar a sua vida*, pensei, procurando involuntariamente algo vivo no meio daquele campo morto. Mais adiante, à direita da via, distinguia-se um pequeno arbusto. Quando me aproximei, reconheci nele o tal «tártaro», cuja flor tinha colhido e deitado fora em vão.

O arbusto do «tártaro» tinha três rebentos. Um deles fora arrancado e o que restou sobressaía, assemelhando-se a uma mão desmembrada. Cada um dos outros dois tinha uma flor. Outrora vermelhas, agora as flores estavam pretas. Um caule estava partido e metade dele pendia com a flor suja na extremidade; o outro, ainda que enlameado com terra negra, apon-tava para cima. Era evidente que todo o arbusto tinha sido pisado por uma roda e que só depois se reerguera. Embora curvado, o arbusto mantinha-se em pé.

Parecia que uma parte do seu corpo tinha sido arrancada, as tripas reviradas, a mão desmembrada, um olho vazado. Porém, ainda assim, mantém-se de pé e não se entrega ao homem que destruiu todos os seus companheiros em seu redor. *Que energia!*, pensei. *O homem venceu tudo, destruiu milhões de ervas, mas esta não capitula.*

E então lembrei-me de uma antiga história caucasiana, a uma parte da qual eu tinha assistido, a outra parte tinha ouvido da boca de testemunhas e a outra ainda imaginei. Aqui têm essa história, tal como ganhou forma na minha memória e imaginação.

I

Aconteceu no fim do ano de 1851.

Numa tarde fria de Novembro, Khadji-Murat entrava num *aúl*¹ hostil tchetcheno chamado Makhket, impregnado do cheiro fragrante de *kiziak*.

Mal se apagou o canto tenso do muezim, no ar puro da montanha saturado desse cheiro, ouviram-se nitidamente, por detrás do balido das ovelhas e do mugido das vacas a serem distribuídas pelas *sáclias* coladas umas às outras como favos, os sons guturais das vozes dos homens a discutir e as vozes das mulheres e das crianças vindas da fonte mais abaixo.

O tal Khadji-Murat era famoso pelas suas proezas enquanto naíbe de Chamil², e só saía com a sua insígnia e acompanhado por dez discípulos a galopar à sua volta. Neste momento, porém, agasalhado no *bachlyk* e na *burca*, que deixava entrever uma espingarda, seguia discretamente a cavalo acompanhado por um único homem, tentando passar despercebido; os seus vivos olhos pretos fixavam atentamente os rostos dos habitantes que vinham ao seu encontro.

1 Para a definição deste e de outros termos do original consultar o glossário no final do livro. (*N. do E.*)

2 Sendo imã, Chamil (1798–1871) liderou a resistência aos russos até se render em 1859. (*N. da T.*)

Chegando ao centro do *aúl*, não seguiu pela rua que ia dar à praça, virando à esquerda, numa ruela estreita. Ao aproximar-se da segunda *sáclia* da esquina parou, olhando em seu redor. Não havia ninguém debaixo do alpendre em frente da *sáclia*, mas no telhado, atrás da chaminé de barro batido, estava deitado um homem coberto com um *tulupe*. Khadji-Murat tocou-lhe ao de leve com o cabo do azorrague e deu um estalido com a língua. Um velho de barrete na cabeça e vestido com um *bechmete* roto e lustroso levantou-se debaixo do *tulupe*. Os olhos do velho, sem pestanas, estavam avermelhados e lacrimosos e ele pestanejava para os tentar despegar. Khadji-Murat proferiu o habitual *Seliam Aleicum*³ e descobriu o rosto.

– *Aleicum seliam* – respondeu o velho, sorrindo com a boca desdentada ao reconhecê-lo e, reerguendo-se nas suas pernas magricelas, pôs-se a tentar acertar com elas nos seus sapatos de tacão de madeira, que se encontravam ao pé da chaminé. Depois de se calçar, enfiou as mangas do seu *tulupe* encaquilhado e começou a descer a escada que estava encostada ao telhado. Tanto ao vestir-se como ao descer, o velhote meneava a cabeça no seu pescoço fino, enrugado e moreno, e mascava sem parar com a sua boca desdentada. Chegado ao chão, agarrou com hospitalidade as rédeas e o estribo direito do cavalo de Khadji-Murat. Mas um ágil e forte *muride* saltou rapidamente do seu cavalo e afastou o velho, substituindo-o.

Khadji-Murat desceu do cavalo e, coxeando ligeiramente, encaminhou-se para debaixo do alpendre. Um rapaz de cerca de quinze anos saiu prontamente ao seu encontro e, surpreendido, fixou nos recém-chegados os seus olhos tão pretos como corintos maduros e brilhantes.

– Vai à mesquita e chama o teu pai – ordenou o velho ao rapaz, e, adiantando-se a Khadji-Murat, abriu-lhe a porta leve

3 Saudação: *Que haja paz na tua casa!* (N. da T.)

e rangente da *sáclia*. Quando aquele entrou, uma mulher de idade, magra e delgada, vestida com uma camisa amarela debaixo do *bechmete* vermelho e calças largas azuis, surgiu vinda de uma porta interior trazendo almofadas.

– A tua visita é portadora de sorte – disse ela, e, debruçando-se, começou a dispor as almofadas junto à parede da entrada para o visitante se sentar.

– Que os teus filhos estejam vivos – respondeu Khadji-Murat, tirando a capa, a espingarda e o sabre e entregando-os ao velhote.

O velho pendurou cuidadosamente a espingarda e o sabre no cabide ao lado das armas do dono, entre dois alguidares grandes que cintilavam na parede bem lisa, caiada e limpa.

Endireitando a sua pistola por trás das costas, Khadji-Murat aproximou-se das almofadas colocadas no chão pela mulher e, agasalhando-se no seu circassiano, sentou-se nelas. O velho ficou apoiado sobre os calcanhares na sua frente e, fechando os olhos, levantou as mãos com as palmas viradas para cima. Khadji-Murat fez o mesmo. Terminada a oração, ambos passaram as mãos pelos seus rostos, juntando-as na ponta da barba.

– *Ne khabar?*⁴ – perguntou Khadji-Murat ao velho.

– *Khabar iok*⁵ – respondeu o velho, olhando com os seus olhos vermelhos inexpressivos não para a cara do seu interlocutor, mas para o seu peito.

– Estou a viver no colmeal e só agora vim visitar o meu filho. Ele é que sabe.

Khadji-Murat compreendeu que o velho não queria falar daquilo que ele precisava de saber e, meneando um pouco a cabeça, desistiu de fazer mais perguntas.

– Não há boas notícias – começou o velho a dizer. – Só há notícias de que todos os coelhos estão a deliberar sobre a

4 *O que há de novo?* (N. da T.)

5 *Nada de novo.* (N. da T.)

maneira de mandar embora as águias. Mas as águias dilaceraram ora um, ora outro. Na semana passada, os cães russos queimaram o feno no Michits, que se lhes parta a cara – rouquejou com a voz enraivecida.

Entrou, então, o discípulo, pisando suavemente o chão de terra com os passos largos das suas pernas fortes e, guardando apenas o punhal e a pistola, tirou também a capa, a espingarda e o sabre, e pendurou tudo no mesmo cabide onde já repousavam as armas de Khadji-Murat.

– Quem é? – perguntou o velho, apontando para o homem.

– O meu discípulo. Chama-se Eldar – respondeu Khadji-Murat.

– Está bem – disse o velho, e indicou a Eldar um lugar nas almofadas, ao lado do seu mestre.

Eldar sentou-se, cruzando as pernas, e fixou silenciosamente os seus bonitos olhos de carneiro no rosto do velho, que, subitamente loquaz, contava como, na semana anterior, os bravos que apoiavam tinham capturado dois soldados: morto um e mandado o outro a Chamil, que estava em Vedenó. Khadji-Murat ouvia desatento, lançando olhares na direcção da porta e pondo-se à escuta do ruído exterior. Ouviram-se passos no alpendre, em frente da *sáclia*, a porta rangeu e entrou Sadó, o dono da casa.

Sadó era um homem com cerca de quarenta anos, com uma barba curta, o nariz comprido e os olhos tão pretos, mas não tão brilhantes, como os do rapaz de quinze anos, seu filho, que tinha saído para o chamar e que entrou na *sáclia* atrás do pai e se sentou ao pé da porta. Descalçando os tamancos à entrada, puxou a sua velha e surrada *papakha* para trás da cabeça, que há muito tempo não era rapada e estava a ficar coberta de cabelo preto, e imediatamente se acocorou diante de Khadji-Murat.

Tal como o velho, também ele, fechando os olhos, levantou as palmas das mãos para cima, disse uma oração, passou

as mãos sobre o rosto e só depois começou a falar. Contou que Chamil dera ordens para deter Khadji-Murat, vivo ou morto, que os seus enviados tinham partido ainda ontem e que o povo tinha medo de lhe desobedecer. Por isso havia que ter cuidado.

— Em minha casa — disse ele —, enquanto eu estiver vivo, ninguém fará nada ao meu amigo. Mas no campo... não sei. Temos de pensar.

Khadji-Murat escutava atentamente e acenava com a cabeça em sinal de aprovação. Assim que Sadó terminou, declarou:

— Muito bem. Agora temos de enviar aos russos um homem com uma carta. Irá o meu *muride*, só que necessita de um guia.

— Vou enviar o meu irmão Bata — disse Sadó. — Chama o Bata — pediu ao filho.

O rapaz ergueu-se de um salto, como se as pernas velozes fossem molas, e saiu apressadamente da *sáclia* agitando os braços. Passados dez minutos voltou com um tchetcheno robusto e muito queimado pelo sol, de pernas curtas, que envergava um circassiano amarelo desfiado, com as mangas esfarrapadas em franja e as meias de cabedal descaídas. Khadji-Murat cumprimentou o recém-chegado e perguntou-lhe de forma lacónica:

— Consegues levar o meu discípulo até aos russos?

— Consigo — começou Bata a falar rápida e alegremente.

— Eu consigo tudo. Mais nenhum tchetcheno é capaz de passar. Há quem vá, quem prometa tudo, mas nada fará. Mas eu sou capaz.

— Está bem — consentiu Khadji-Murat. — Receberás três moedas pelo teu trabalho — ajuntou, levantando três dedos.

Bata mostrou com um aceno de cabeça que percebera, acrescentando que estava disposto a servi-lo não pelo dinheiro, mas pela honra. Nas montanhas, toda a gente conhecia Khadji-Murat, por causa da maneira como ele derrotara os porcos dos russos.

— Bem — disse este. — A corda é boa se for comprida, tal como a conversa é boa se for curta.

— Está bem, estarei calado — assentiu Bata.

— Conheces uma clareira na floresta onde há duas medas, que fica situada na curva do Argun em frente às escarpas?

— Conheço.

— Os meus três cavaleiros estão lá à minha espera — comunicou Khadji-Murat.

— Ah! — proferiu Bata, acenando com a cabeça.

— Vais perguntar por Khan-Magoma. Ele sabe o que fazer e o que dizer. Tens de o levar até ao comandante dos russos, Vorontsov, o príncipe. Consegues?

— Levá-lo-ei.

— Levar e trazer de volta. Consegues?

— Consigo.

— Leva-lo e depois regressas à floresta. Eu também estarei lá.

— Farei tudo isso — prometeu Bata e, colocando as mãos no peito, saiu.

— Preciso ainda de enviar um homem a Guekhi — disse Khadji-Murat a Sadó, depois de Bata sair. — Em Guekhi tenho de fazer o seguinte — ia ele explicar, agarrando um dos bolsos para cartuchos do circassiano, mas imediatamente baixou o braço e calou-se ao ver entrar duas mulheres na *sáclia*.

Uma delas era a mulher de Sadó, a mesma mulher magra e idosa que tinha trazido as almofadas. A outra era uma rapariga muito nova, que vestia calças largas vermelhas e *bechmete* verde, com uma cortina de moedas de prata a cobrir completamente o seu peito. Na ponta da sua áspera trança preta, não muito comprida, mas grossa, que caía entre os ombros das costas magras, estava pendurado um rublo de prata. Os olhos pretos como corintos, iguais aos do pai e do irmão, brilhavam alegremente no seu rosto jovem que tentava parecer severo. Não olhava para os convidados, mas era evidente que notava a presença deles.

A mulher de Sadó carregava uma mesa redonda e baixa, onde havia chá, *pilguichi*, panquecas com manteiga, queijo, *tchurek* e mel. A rapariga trazia uma bacia, um jarro e uma toalha.

Sadó e Khadji-Murat ficaram calados enquanto as mulheres, movendo-se silenciosamente nas suas botas macias vermelhas sem sola, distribuíam o que tinham trazido na mesa. Quanto a Eldar, permaneceu imóvel durante todo o tempo em que as mulheres estiveram dentro da *sáclia*, fixando os seus olhos de carneiro nas pernas cruzadas. Só quando elas saíram e o som dos seus passos suaves se deixou de ouvir por completo atrás da porta, o discípulo suspirou de alívio. E Khadji-Murat abriu, então, um dos bolsos para cartuchos, retirou a bala que o enchia e uma nota enrolada que se encontrava debaixo da mesma.

– Dá isto ao meu filho – disse ele mostrando a nota.

– E a resposta é entregue a quem? – perguntou Sadó.

– A ti, e depois dás-ma a mim.

– Assim será feito! – prometeu o dono da casa e transferiu a carta para o bolso de cartucho do seu circassiano. Depois, pegando no jarro, puxou a bacia na direcção de Khadji-Murat. Este arregaçou as mangas do *bechmete*, deixando entrever os seus braços musculados, brancos acima dos pulsos, e pô-los debaixo do fio de água fria e límpida que Sadó vertia do jarro. Ao secar as mãos na toalha limpa e áspera, Khadji-Murat aproximou-se da comida. Eldar fez o mesmo. Enquanto os convidados comiam, Sadó ficou sentado diante deles e agradeceu-lhes várias vezes pela visita. Sentado ao pé da porta, o rapaz, não despregando os seus olhos pretos cintilantes de Khadji-Murat, sorria, como se o seu sorriso confirmasse as palavras do pai.

Apesar de Khadji-Murat estar em jejum há mais de vinte e quatro horas, acabou por morder apenas um pouco de pão e queijo, e, sacando de uma faca pequena que se encontrava

debaixo do seu punhal, serviu-se de um pouco de mel e barrou o pão com este.

— O nosso mel é muito bom. Este ano a produção é melhor do que nos anos anteriores: temos muito e é de muito boa qualidade — disse o velho, aparentemente contente por Khadji-Murat ter provado o seu mel.

— Obrigado — agradeceu aquele, e afastou-se da comida.

Eldar ainda quis comer mais, mas, assim como o seu mestre, afastou-se da mesa e deu a Khadji-Murat a bacia e o jarro.

Sadó sabia que, ao ajudar Khadji-Murat, estava a arriscar a sua vida, porque, depois da briga daquele com Chamil, todos os habitantes da Tchetchénia tinham ordens para não o albergar, sob pena de morte. A qualquer momento, os habitantes da aldeia poderiam descobrir a presença dele em sua casa e exigir a sua entrega. Mas isso não o perturbava, antes o alegrava. Este julgava ser seu dever defender o seu convidado, o seu amigo, embora lhe custasse a vida, e estava satisfeito consigo próprio, orgulhando-se de agir correctamente.

— Enquanto estiveres em minha casa e eu tiver a minha cabeça sobre os ombros, ninguém te fará nada — repetiu a Khadji-Murat.

Este fitou atentamente os seus olhos brilhantes e, apercebendo-se de que era verdade, disse com um ar um pouco solene:

— Que tenhas alegria e vida!

Sadó levou silenciosamente a mão ao peito, em sinal de gratidão pelas suas boas palavras.

Depois de fechar as portadas das janelas da *sáclia* e acender os galhos na lareira, excitado e cheio de alegria, deixou a sala dos convidados e entrou na divisão onde dormia toda a sua família. As mulheres ainda não tinham adormecido, conversando acerca dos perigosos convidados que pernoitavam no quarto das visitas.

Última obra de grande fôlego de Tolstoi, publicada postumamente em 1912, *Khadji-Murat* é uma história de luta e vingança. A história trágica e sublime de um famoso chefe guerreiro tchetcheno que decide abandonar os seus companheiros na guerra obstinada que opõe estes montanhesees ao império do Czar e, para reivindicar a sua própria liberdade, se alia ao inimigo russo. Uma escolha sem retorno, que o fará ser repudiado tanto por amigos como por inimigos.

No seu estilo inconfundível, Tolstoi descreve os lugares e as paisagens do Cáucaso, um mundo inocente e violento, que conheceu de perto na sua juventude — combatera na guerra que opôs populações locais ao Império Russo aquando da anexação da Tchetchénia e do Daguestão — realçando o simbolismo dos destinos individuais. Uma obra que captou a imaginação de gerações de leitores e que não perdeu a sua actualidade, fazendo ainda luz sobre a cruenta história contemporânea.

«Aquele que considero a melhor história do mundo,
ou pelo menos a melhor que li até hoje.»

Harold Bloom

«Último livro escrito por Tolstoi, *Khadji-Murat*
descreve o infortúnio de um povo a partir do mito
de um homem. Uma obra-prima.»

João Bonifácio, *Público*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897870804



9 789897 870804 >